# DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

# E DINÂMICA KALECKIANA

Carlos Águedo Paiva

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos uma modelagem alternativa da teoria kaleckiana do ciclo e do crescimento sob condições de estabilidade tecnológica[[1]](#footnote-1). O modelo de determinação de renda é bastante simples e é quase ortodoxo. Digo “quase” porque o modelo é kaleckiano; o que significa dizer que ele é ortodoxo no sentido de verdadeiramente keynesiano. Kalecki não deixa espaço para a síntese neoclássica. Neste ponto, ele é muito mais radical que Keynes.

Acredito haver demonstrado este ponto em um trabalho anterior, intitulado “Kalecki: um anti-keynesiano?” [[2]](#footnote-2). Este trabalho mistura teoria com romance policial; pois persigo a correspondência trocada em entre de Keynes, Kaldor e Robinson acerca da publicação do artigo “A Theorem on Technical Progress”, de Kalecki, no *Economic Journal*, quando Keynes era editor-chefe do periódico. O trabalho de Kalecki já começa a incomodar Keynes (e à sofisticada comunidade do eixo Bloomsbury – Cambridge do melancólico entre-guerras inglês) pelo título: que idéia é essa de um ***teorema*** para o ***progresso técnico***? A inovação e o *animal spirit* são incompatíveis com “teoremas”. A Economia não é uma ciência exata. As vezes as regras valem; as vezes não.

Kalecki ousa dizer que não é necessário introduzir a cláusula “às vezes”. Basta modelar corretamente. Se o fizermos, obteremos os determinantes do ciclo, da estagnação e do crescimento **sem necessidade de progresso técnico.** Por que Kalecki diz isto? .... Porque a capacidade ociosa em Kalecki é estrutural. E Keynes não consegue admitir isto. Na primeira carta de Keynes a Robinson ele já anuncia seu desconforto com o texto. Vejam o crescendo da aversão até a nota definitiva: o que Keynes realmente não admite aparece na frase final da citação reproduzida abaixo.

## “Here is Kalecki’s article. As I said the other night, after a highly rational introduction of a couple of pages my first impression is that it becomes high, almost delirious nonsense. I am ready to believe that there are some assumptions in relation to which his conclusions are correct. But so many of tem hare latent an tacit that none could say, I should have thought, wheter he has proved his proposition. Indeed I do not feel perfectly sure whether he has proved his proposition. Indeed I do not feel perfectly sure whether the hypotheses may not be self-contradictory. It is not rather odd when dealing with long run problems’ to start with the assumptions that all firm are always working below capacity? (Osiatynsky, 1991, p. 530)

**No longo prazo de Keynes, não existe espaço para a capacidade ociosa.** A heterodoxia de Keynes só vai até dizer que, quando atingirmos o equilíbrio de longo prazo, já estaremos mortos. O equilíbrio é como a morte ao contrário: “tal como a morte, o equilíbrio não falha, mas o grande problema é que ele tarda mais do que a morte”[[3]](#footnote-3). Alguém poderia pretender que o “longo prazo” em Keynes não envolve “tempo” num sentido rigorosamente mensurável. Ele é antes uma “idéia”. .... Uma idéia do que? .... Aparentemente, do equilíbrio neoclássico.

Esta posição ambivalente, que resguarda o “longo prazo” para o mundo do equilíbrio não é exclusiva de Keynes. Também é a posição de Schumpeter e de seu “fluxo circular” e a de Kaldor em sua crítica a Harrod[[4]](#footnote-4). E a preservação de um espaço para o equilíbrio cobra o seu preço através da necessidade de “reintroduzir” o desequilíbrio. Keynes o faz pelas finanças e pelas subjetividade imanente às expectativas sobre o futuro em um mundo em permanente transformação. Schumpeter, pela ação inovação empresarial. E Kaldor – o menos sofisticado dos três – por algum tipo de “choque adverso”.

**Na medida em que nunca sai do desequilíbrio, Kalecki não precisa voltar ao mesmo. A economia kaleckiana opera sempre, ou com capacidade ociosa, ou com sobreutilização da capacidade instalada[[5]](#footnote-5).** Neste sistema, a economia nunca entra em estagnação por falta de recursos. Na verdade, mesmo se admitimos uma situação limite, na qual o crescimento da economia seja freado pela indisponibilidade de recursos, a economia **não** entra em estagnação no sistema de Kalecki: ela ou continua crescendo a taxas inferiores à desejada, ou entra em depressão (crescendo a taxas negativas) em função dos efeitos dinâmicos deletérios da depressão da taxa de crescimento do investimento[[6]](#footnote-6). A estagnação não é “impossível”, mas ela jamais resulta da indisponibilidade de recursos, mas é o desdobramento de padrões perversos de interação entre multiplicador e acelerador, que conduzem ao gradual amortecimento da amplitude de ciclos que se dão em torno de um patamar estável de renda e de estoque de capital.

O realmente central, para nós, é que todas essas alternativas de dinâmica no modelo kaleckiano são rigorosamente **endógenas ao modelo teórico** e **prescindem de** (sem se **contrapor a**) **quaisquer hipóteses acerca de alterações (exogena e/ou subjetivamente determinadas) nos padrões de preferência pela liquidez ou nos padrões técnico-produtivos do sistema.**

BIBLIOGRAFIA

KALDOR, N. (1972). “The Irrelevance of Equilibrium Economics”. *Economic Journal.* Vol. 82, No. 328, December.

KALDOR, N. (1956) “Alternative Theories of Distribution”. In: *Review of Economic Studies*, vol*.* 23

OSIATYNSKI, J. (ed., 1990) *Collected Works of Michal Kalecki.* Oxford: Clarendon Press.

PAIVA, C. A. (2008) *Valor, preços e distribuição: de Ricardo a Marx, de Marx a nós.* Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística (Série Teses, n. 9) Disp. em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/teses/teses_fee_09.pdf>

1. Por estabilidade tecnológica entendemos ausência de inovações técnicas disruptivas. Inovações incrementais e alterações na relação capital/trabalho e capital/produto que se dão a partir de alterações no grau de utilização da capacidade e/ou a partir de deslocamentos ao longo de funções de produção dadas não ferem o princípio da estabilidade tecnológica. [↑](#footnote-ref-1)
2. PAIVA, C. A. (1996). “Kalecki: um anti-keynesiano?”. *Revista de Economia Política.* Vol. 16, N. 1 (61) janeiro-março. São Paulo: Brasiliense. <http://www.rep.org.br/pdf/61-5.pdf>

   [↑](#footnote-ref-2)
3. Por isso mesmo o comentário de Keynes de que o longo prazo só chega quando já morremos parece mais engraçado e mais remoto quando somos jovens. A partir de uma certa idade, a frase parece menos jocosa. É preciso pressupor que a morte está muito longe para poder rir da mesma sem refletir sobre o seu sentido profundo. Keynes, não era jovem quando a escreveu, nem viveu muitos anos após escrevê-la. Seria este o longo prazo keynesiano? Algo em torno de uma década? [↑](#footnote-ref-3)
4. Kaldor sempre gostou de posar de anti-equilibrista (veja-se, por exemplo, Kaldor, 1972). Mas até onde conhecemos a bibliografia deste autor, sua única contribuição rigorosamente positiva (no sentido de não-critica, “não-desconstrucionista”) à Teoria Econômica é o seu modelo dinâmico em que o paradoxo harrodiano do fio da navalha é contestado pelas (pretensas) funções **equilibradoras** da distribuição da renda. Neste modelo, a redistribuição impõe a recondução da taxa de crescimento efetivo à taxa garantida harrodiana ( G = s / v; onde “s” é a propensão marginal a poupar e “v” a relação capital/produto ideal da economia) pela alteração da propensão marginal a poupar (Kaldor, 1956). Para uma apresentação sucinta e a crítica deste modelo equilibrista, ver o capítulo sexto de Paiva, 2008. [↑](#footnote-ref-4)
5. O equilíbrio é uma mera virtualidade; um ponto determinado num *continuum* de alternativas. Estatisticamente, a probabilidade de sua ocorrência é a mesma da probabilidade de ocorrência de um valor exato em uma distribuição contínua: 0%. Vale observar que não estamos nos referindo, aqui, ao sentido fraco do termo equilíbrio (como no sentido de Nash: a posição “menos pior” em que posso me situar **hoje**, dados os recursos que tenho e as estratégias conhecidas dos demais jogadores). Me refiro ao equilíbrio rigorosamente neoclássico, que corresponde a um **ótimo** paretiano; uma situação de “repouso” do sistema, da qual nenhum dos agentes buscará se afastar através da realização de investimentos e/ou de alterações da estrutura do portfólio. [↑](#footnote-ref-5)
6. Estes pontos ficarão mais claros quando expusermos o modelo macrodinâmico kaleckiano na seções segunda e terceira deste trabalho. [↑](#footnote-ref-6)